



O 127º ANIVERSÁRIO DE CRIAÇÃO DO PAVILHÃO NACIONAL

Cel Claudio Moreira Bento
Presidente da FAHIMTB

A atual Bandeira Nacional foi criada há 127 anos , em 19 de novembro de 1989. Participamos das comemorações de seu Centenário de criação, em cerimônia na Praça do Bandeira, no Rio de Janeiro, como integrante da Comissão do Exército para os festejos do Centenário da República e da Bandeira Nacional, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército Brasileiro e presidida pelo hoje Acadêmico Benemérito da FAHIMTB, General de Divisão Arnaldo Serafim, então Diretor da hoje Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, e atual presidente da AHIMTB-DF Marechal José Pessoa, nome este homenagem da FAHIMTB , à sua participação relevante, mas esquecida por longo tempo, para tornar a capital Brasília um realidade.

Nesta Comissão coube-nos organizar a obra que imortalizasse aquele centenário, intitulada **Cadernos da Comissão Coordenadora das Comemorações dos Centenários da Proclamação da República e da criação da Bandeira Nacional (ou 100 Anos de República e Bandeira Nacional, no Exército)**. Rio de Janeiro: SENAI/BIBLIEx, 1991,

E neste caderno republicamos notável artigo do Patrono de Cadeira da FAHIMTB e meu saudoso e sábio mestre General Professor Jonas de Moraes Correia Filho que me honrou receber-me, em nome dos associados dos institutos de Geografia e História Militar do Brasil e do Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro, como historiador membro daquelas instituições.

Artigo intitulado **A Bandeira Nacional e a República**, publicado as p.317/319 como reprodução de artigo que publicara na **Revista do Clube Militar** nº291, set/dez1989, p.43. Revista da qual ele fora o Diretor no cinquentenário do Clube, a qual, a nosso convite, como Diretor do Departamento Cultural e da Revista do Clube Militar no Centenário, presidiu a Comissão Editorial da Revista do Centenário do Clube, a Edição Histórica nº 280, de 1987. Eis o que o meu saudoso e admirado mestre escreveu:

“ A BANDEIRA NACIONAL E A REPUBLICA .Gen. Jonas de Moraes Correia Filho

A adoção do regime republicano pelo Brasil, em 15 de novembro de 1889, impôs, aos dirigentes maiores da Nação, uma porção de medidas que viessem, como vieram, colocar o país e seu povo conscientizados de que as práticas de vida monárquica haviam terminado e estavam substituídas pelas novas, mais vibrantes, mais livres, mais independentes. A República empolgaria as populações com a sua liberdade de disputar, de discutir, de empreender, de realizar. A República já começava a administrar, a governar o Brasil. E um dos seus primeiros cuidados foi a instituição da Bandeira Nacional, que simbolizasse a Pátria, o seu passado, o seu presente e a aspiração do seu futuro. Enfim as suas glórias.

Entre os dias 15 e 19 de novembro houve estudos, entendimentos e conferências sobre o importante assunto. Em uma das suas luminosas crônicas para a desaparecida revista carioca **O Cruzeiro** (de 8.VII. 1967), o nosso inesquecível mestre Pedro Calmon, ofereceu-nos uma carta histórica de Deodoro a Benjamin Constant, escrita do próprio punho por aquele Marechal e Chefe do Governo Provisório da República, carta que ficara muito tempo guardada no arquivo de José Carlos Rodrigues. É datada de 17 de novembro de 1889, e reza o seguinte:

"Convindo que os navios que conduzem D. Pedro II levam a Bandeira Nacional, devemos adotar a antiga, bela e muito conhecida, substituindo-se a coroa sobre o escudo pelo Cruzeiro do Sul (quatro estrelas) que, tendo por fundo plano amarelo, devem ser verdes. Previno para que tais navios aviem os preparos a bordo. Deodoro."

Instruído com este sentimento sobre a *antiga, bela e muito conhecida* (Calmon diria *consagrada...*) Bandeira Nacional, o ministro da Guerra Benjamin Constant ouviu Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Depois, juntos ao professor Manuel Pereira Reis, catedrático de astronomia da Escola Politécnica, que indicou a projeção das estrelas, e ao técnico Décio Vilares, que executou o desenho, foi ultimada a operação, e surgiu a bandeira.

E hoje, decorridos mais de vinte anos, aqui reaparece esta carta esclarecedora da influência de Deodoro na criação da Bandeira Nacional.

Foi decidido, então, editar o decreto correspondente, cuja redação coube a Ruy Barbosa. Foi um alto momento o da assinatura deste documento, que se transcreve para honra e envaidecimento de todos nós.

Ei-lo:

Decreto nº 4

"O Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil: considerando que as cores da nossa antiga Bandeira recordam as lutas e as vitórias gloriosas do Exército e da Armada na defesa da Pátria;

Considerando, pois, que essas cores, independente dá forma de governo, simbolizam a perpetuidade e integridade da Pátria entre as outras nações; decreta:

Artigo 1º — A Bandeira adotada pela República mantém a tradição das antigas cores nacionais — verde e amarelo — do seguinte modo: um losango amarelo em campo verde, tendo no meio a esfera celeste azul, atravessada por uma zona branca, em sentido oblíquo e descendente da direita para a esquerda, com a legenda — Ordem e Progresso — e pontuada por vinte e uma estrelas, entre as quais as da constelação do Cruzeiro, dispostas na sua situação astronômica, quanto à distância e ao tamanho relativos, representando os vinte estados da República e o Município Neutro, tudo segundo o modelo debuxado no Anexo n.º 1.

Artigo 2º — As Armas Nacionais serão as que se figuram na estampa anexa, n.º2.

Artigo 3º - Para os selos e sinetes da República, servirá de símbolo a esfera celeste, qual se debuxa no centro da Bandeira, tendo em volta as palavras — República dos Estados Unidos do Brasil.”

Artigo 4º — Ficam revogadas as disposições em contrário. Sala das sessões do Governo Provisório. 19 de novembro de 1889, 1º da República, (ass). — Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório — Quintino Bocayúva, Aristides da Silveira Lobo, Ruy Barbosa, Manuel Ferraz de Campos Sales, Benjamin Constant Botelho de Magalhães e Eduardo Wandenkolk.

Nesses anos passados, de 1889 a 1989, houve várias tentativas de alteração da Bandeira. Todas foram afastadas, repelidas. Cabe recordar que, na sessão do Senado Federal de 19 de novembro de 1908, em calorosa oração, o

Senador paraense Lauro Sodré rechaçou um projeto do Deputado Venceslau Escobar, que mandava suprimir da Bandeira a zona branca com a legenda — Ordem e Progresso. O senador terminou, invocando a Bandeira:

"Uma revolução a criou; somente outra revolução poderá mudá-la!"

Recentemente (Dec. 9.III.1989), o Governo Federal instituiu uma comissão para fixar o desenho definitivo da Bandeira Nacional. Estou honrado com a designação de representante do nosso Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nessa comissão. Um membro, seu presidente, é o representante do Ministério da Justiça; outro, do Ministério da Educação; outro, do Estado-Maior das Forças Armadas; e outro, do Observatório Nacional. Temos por resolvido apenas incluir, no desenho da Bandeira, os estados da União recém-criados.

(Nota O General Jonas professor do Colegio Militar do Rio de Janeiro e da Escola Militar do Realengo, deputado federal constituinte em 1946, Secretario de Educação do Rio de Janeiro e presidiu superiormente o IGHMB por 12 anos e é o autor da primeira Canção da Arma de Engenharia. "Se for mister partir um dia para a guerra pra defender o brasileiro solo amado, marchará na Vanguarda, nossa tropa galharda, cujo peito inflamado fortes surtos encerra." E esta canção muito a cantei como cadete de Engenharia 1953- 15 fev 1955, ao retornar do Parque de Intrução e ouvir este comando: "A Canção da Arma de Engenharia pelo Cadete Bento ,Começar!". Como Major recebeu a missão de transportar do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro, a invicta espada de Campanha do Duque de Caxias, para ser colocada ao lado da espada do General Sa Martin, trazida por cadetes argentinos. Privilégio que tivemos em 1979 e 1980 de como socio do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro e Oficial Instrutor de História Militar da AMAN trazê-la a AMAN no Comando de uma Guarda de Honra e Segurança integrada por cadetes, sendo que em 1980 nas comemorações do Exército na AMAN do centenário da Morte do Duque de Caxias, patrono da AMAN e hoje da FAHIMTB. Recordar é reviver para um velho soldado aos 84 anos.O General Jonas tinha por filho único o saudoso recém falecido Gen Ex Jonas de Moraes Correia Neto por nos focalizado em data recente em artigo em sua homenagem como sócio emérito da FHHIMTB.

